

Medidas De Desenvolvimento Econômico Diante A Crise Do Corona Vírus

Omar Barroso Khodr⁴¹
Rômulo Aires Mendes Costa⁴²

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 parecia trazer melhores expectativas para o Brasil, mesmo com o tímido crescimento econômico de 1,1% em 2019, a nova agenda de reformas estruturais prometia em remediar distorções enfrentadas nos últimos anos no cenário econômico e político. Porém, as medidas de distanciamento social para desacelerar a rápida propagação do Novo Corona Vírus (Covid-19) obrigaram o país assim como o mundo inteiro a aderir medidas de distanciamento social, para conter a doença. Estas medidas geraram trade-offs drásticos para as relações sociais e de trabalho, com algumas companhias se beneficiando com cortes de custos e maiores índices de produtividade enquanto micro e pequenos empresários se depararam com um cenário muito adverso. Estes impactos não refletiram apenas em ajustes qualitativos no Brasil como pedir um delivery em casa ao invés de ir ao seu restaurante predileto, mas refletiram quantitativamente nos principais índices macroeconômicos. Foi registrada uma queda de -1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nos primeiros três meses de 2020, um aumento da taxa de desemprego de 11,2% em janeiro para 12,6% em abril e com rápidos cortes na taxa de juros e grande contração deflacionária.

Vivemos em um cenário nunca visto antes, vivemos com a incerteza do que deve ser feito, porém, devemos tentar ao máximo evitar que a economia entre em colapso. Diante todos os problemas enfrentados pelo Brasil, existem diferentes vertentes que devem ser abordadas com cuidado. Algumas incluem temas diretamente ligados a economia como reformas fiscais, monetária e trabalhista, enquanto outras questões incluem temas mais complexos vinculados a condições sociológicas, antropológicas e geográficas que influenciam a performance do Brasil diante a pandemia. No entanto, abordar todos estes temas vai além do escopo deste breve ensaio, com isso focaremos em duas vertentes no qual o autor considera que sejam as mais importantes no momento: I. Suporte aos trabalhadores autônomos/micro e pequenos empresários e II Medidas inspiradas ao afrouxamento quantitativo para realidade Brasileira.

⁴¹ Possui graduação em Jornalismo pelo IESB, MBA in Global Banking & Finance pela European University Business School. Atualmente é mestrando em Economia pelo IDP e Chefe de Serviços do Departamento de Estudos Econômicos do CADE.

⁴² Mestrando em Economia pelo IDP, atualmente é gerente no Banco Regional de Brasília.

PARTE I

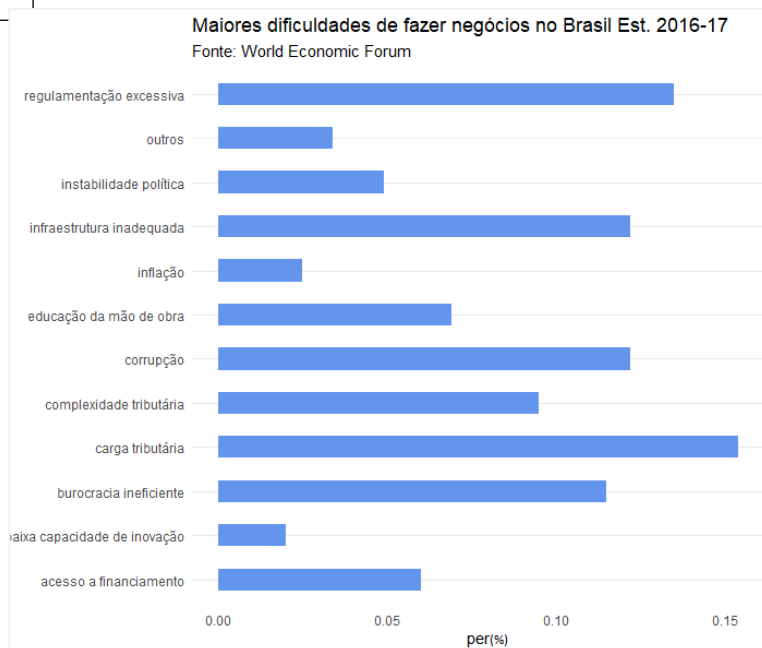
Medidas econômicas que o Brasil deveria implementar como resposta à crise do Corona Vírus

1. Auxílio a economia real e incentivos ao trabalho

O maior impacto desta pandemia está sendo sobre classe empresarial e principalmente a classe informal/autônoma que compõe cerca de 40% da classe trabalhadora do país (Banco Mundial, 2020). Estas categorias de trabalhadores não possuem os mesmos privilégios de trabalhar remotamente como um profissional administrativo ou um funcionário público. Autônomos e pequenos empresários dependem da renda diária de vendas de seus produtos e serviços que são adquiridas pela interação física com seus clientes. Devido ao cenário para a manutenção dos empregos, o atual governo promoveu algumas medidas para auxiliar a crise como auxílio emergencial de R\$ 600 para trabalhadores informais, desempregados, microempreendedores individuais.

Contudo, podemos evidenciar que foram relatadas diversas dificuldades burocráticas e problemas no sistema digital, para população para obter o acesso ao auxílio emergencial, as reclamações relatadas foram congestionamentos do aplicativo de celular e o não funcionamento da página (G1, 2020). Tudo isso demonstra uma certa precariedade organizacional por parte do governo, com isso sugerimos que a primeira 'micro medida' a ser implementada parte sobre a criação de um sistema mais eficiente. Ao invés da população depender exclusivamente no sistema online ou no atendimento presencial em instalações da Caixa, o governo poderia implementar um sistema estilo instantâneo 'drive-thru' em vários pontos principais nas cidades. Neste caso, este sistema funcionará de uma forma similar ao sistema de vacinação da gripe que ocorreu em meados de abril e dos testes do Covid-19 mais recentemente, o qual o sujeito deve apenas apresentar os documentos devidos para receber seu auxílio. Neste caso o beneficiário teria três opções para coletar o seu auxílio, ajudando a descongestionar o aplicativo digital. Além disso, este sistema também contribuiria a evitar aglomerações em instituições da caixa, ajudando muitos dos cidadãos que tem dificuldades em interpretar os pequenos textos e passos do aplicativo. Devemos lembrar que o Brasil não deixa de ser um país no qual 30% da população ainda apresenta analfabetismo funcional, este fator dificulta a implementação de políticas sociais por conta da inaptidão da população em conseguir resolver muitos problemas do dia a dia (Inaf, 2018).

Entretanto, existem problemas complexos no Brasil que vão muito além de um mero ajuste a curto prazo. O Brasil, ainda é considerado como um país no qual é extremamente desafiador para empresas operarem, isto é dado por conta da regulamentação excessiva carga tributária e regulamentação do mercado de trabalho. Este fator evita que bilhões de reais em investimentos possa ser realizados, retardando a criação de empregos durante os anos (Margato et al., 2017).



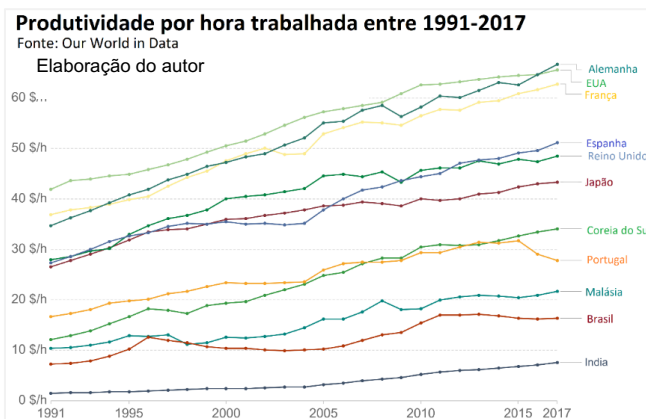
Elaboração do Autor

As altas taxas de desemprego que temos evidenciados ao longo dos últimos quatro anos é uma reflexão destas dificuldades enfrentadas por empresa, claro que neste estamos avaliando exclusivamente sobre o ponto de vista das firmas. Outro fator que tem sido evidenciado claramente durante a pandemia do Covid-19 é a falta de capital humano de muitos funcionários para produzirem sobre condições adversas. Por conta das regulações excessivas, muitas empresas são limitadas sobre a introdução de tecnologias inovadoras para preservação de empregos que potencialmente podem ser substituídos (Margato et.al, 2017). Desta forma, existem trade-offs complexos, no qual empregos são protegidos, sobre o custo de retardação tecnológica que poderia estar preparando melhor os funcionários. Por exemplo, quantos dos seus colegas já reclamaram sobre a utilização de vídeo conferencias no Zoom, ou utilização de ferramentas remotas como Microsoft teams? Isto demonstra claramente a falta de preparação dos profissionais atuais. Quando uma forte crise ocorre como pandemia é evidente que as companhias priorizarão os profissionais com mais preparação, principalmente durante um período de grandes demissões.

Com isto, propomos a longo prazo, que existam políticas públicas que possam capacitar mais o profissional de escritório brasileiro. Algo similar com o qual o Sebrae faz poderia ser oferecido para profissionais de todas as áreas para aprenderem a lidar com ferramentas virtuais utilizadas no mercado. Entre elas softwares de programação como Python, de organização de times como slack e administração de tempo como Monday pode auxiliar profissionais a otimizarem seu tempo trabalhado em casa. Este investimento em habilidades pode criar a possibilidade de profissionais se garantirem mais em seus empregos atuais, e de outro lado para aqueles que tem um perfil mais empreendedor eles podem aplicar estes ensinamentos na criação de novos negócios online. É evidente que o mercado de trabalho está convergindo cada vez mais para os

ambientes de interação virtual, devemos auxiliar a capacitação profissional dos cidadãos para que possam sobreviver sobre estas novas condições.

Existem fatores culturais e sociológicos que limitam a capacidade de produção do brasileiro médio, países de cultura latina e católica geralmente tendem a demonstrar níveis de exigência laboral menos intensivas quando comparados com países anglo-saxões como os Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido (Argyle, 1964). No gráfico, podemos ver que



o Brasil ainda está muito abaixo em níveis de produção mensurada de acordo com o PIB por hora trabalhada em relação a países europeus e os EUA. Porém, devemos apontar que existem exceções nas premissas apresentadas por Argyle conforme podemos evidenciar as taxas de produtividade na Espanha e França. Tudo depende de uma questão do capital humano investido para o desenvolvimento de uma nação, a criação de uma boa ética de trabalho para o Brasileiro parte do princípio do que deve ser ensinado as novas gerações. Incentivos econômicos no qual empresas pagam de acordo com a hora e produção do funcionário podem ser benéficas para efetividade dos trabalhadores. Houve um aumento de 20% nas receitas das empresas e de 60% na produtividade quando esta proposta foi implementada como experimento em 1958 por seis indústrias inglesas (Argyle, 1964). Contudo, estes tipos de reformas podem demorar períodos muito longos para serem implementadas, ou talvez nunca, mudar uma cultura é algo muito complexo. Com isso, vamos abordar o tema seguinte.

AFROUXAMENTO QUANTITATIVO NO BRASIL

Popularizada pelo noticiário financeiro e normalmente traduzida do inglês pelo sentido literal 'Quantitative Easing' ou 'QE' é basicamente quando Bancos Centrais (BCs) compram ativos de bancos comerciais e outras instituições privadas. Os ativos comprados pelos BCs não incluem ativos tangíveis tais como propriedade, plantas e equipamentos. Neste caso os BCs executam a compra de dívidas em suas várias instâncias, sendo priorizada no caso títulos e notas do tesouro e títulos hipotecários. Quando os BCs compram os ativos de bancos e instituições privadas e injetam uma quantidade pré determinada na economia no qual aumenta o excesso de reservas dos bancos. Este processo aumenta os preços dos ativos financeiros comprados, no qual diminui o seu rendimento ao longo do tempo. O afrouxamento quantitativo difere de políticas monetárias convencionais, porque para compra de vários tipos de títulos os BCs devem baixar as taxas de juros e aumenta o nível de dinheiro no sistema. Este dinheiro criado do 'nada' fornece reservas excedentes para os bancos comerciais criem dinheiro novo pelo processo de multiplicação de depósitos a partir do aumento dos empréstimos no sistema bancário de reserva fracionada (Martenson, 2013).

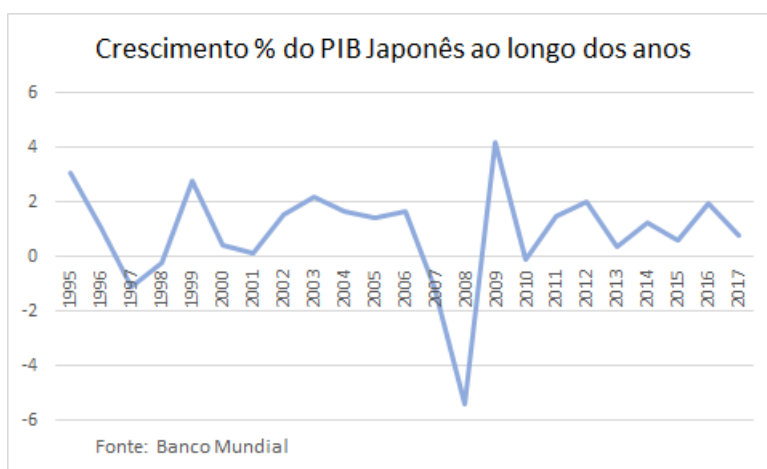
Em teoria, o afrouxamento é uma estratégia eficaz para resolver os problemas de liquidez em um cenário de recessão, porém existem diversas opiniões contrárias sobre este procedimento. Uma das preocupações mais pautadas é em relação ao risco inflacionário conforme a ‘criação’ ex nihilo (do nada) do dinheiro. Ao contrário da intuição clássica que a criação de dinheiro equivale diretamente em inflação, durante um período de recessão consumidores tendem a pouparem mais suas economias ou seja, ocorre um processo deflacionário (Chappelow, 2020). No entanto, este modelo apresenta trade-offs como em qualquer tática econômica, o afrouxamento quantitativo equivale a um aumento da dívida do governo conforme podemos observar na contrapartida apresentada abaixo.

ATIVO	PASSIVO
Títulos públicos ou privados ↑	Papel moeda
Reservas internacionais	Depósitos de bancos (paga Selic) ↑
Empréstimos junto a bancos ↑	Compromissadas (paga Selic) ↑
Outros	Caixa do Tesouro Nacional
	Outros
	Patrimônio Líquido

Fonte: Banco Central, Credit Suisse

Imagem recuperada da apresentação "Política Monetária na Pandemia" (Goldfajn, 2020).

Devemos considerar exemplos de países como o Japão que implementaram o afrouxamento durante períodos de recessão que se iniciaram em março de 2001. Apesar do grande esforço do Japão para criar saldos das contas correntes dos bancos comerciais de ¥5 trilhões para ¥35 trilhões (aproximadamente US\$ 300 bilhões), o país teve um crescimento baixo do PIB entre 1995 e 2007. Além disso, o experimento do afrouxamento durou tanto tempo que o Banco Central Japonês possui mais de 30% dos títulos da dívida pública em circulação (Chappelow, 2020).



Elaboração do Autor

Outras regiões que adotaram o afrouxamento para aliviar os períodos de recessão, foram os EUA e a Zona do Euro. Os EUA embarcaram no programa durante a crise de 2008, com um aumento do seu balanço patrimonial de US\$ 800 bilhões para US\$ 14 trilhões, o que representa cerca de 25% da economia estado-unidense. Enquanto isso, a Zona do Euro em suas primeiras movimentações em 2009 decidiu em cobrir dívidas corporativas em cerca de € 60 bilhões, o valor que foi aumentado para € 80 bilhões em março de 2016 (Deloitte, 2014). Todavia, a execução dos planos de afrouxamento não funcionou da mesma maneira nos EUA em comparação a Zona do Euro. Os EUA tiveram um aumento expressivo na economia até 2013, marcado com um aumento de 2,5% no PIB, preços das ações subindo em 30% e o patrimônio líquido das famílias chegando a US\$ 10 trilhões. Enquanto isso, a Zona do Euro não conta com propriedade de ações tão grande, sendo assim, os aumentos dos gastos dos consumidores não foram tão expressivos quanto os EUA (Feldstein, 2016). Os exemplos dos EUA, Japão e Zona do Euro demonstram que o afrouxamento quantitativo não é um modelo genérico que funciona de forma padronizada para toda a economia. Enquanto os EUA tiveram ganhos sobre esta política monetária, o Japão e a Europa continuam a experimentar crescimentos tímidos mesmo após a implementação.

Podemos perceber que a implementação do afrouxamento quantitativo deve vir com adequação aos fatores sociais e econômicos de cada localidade. No caso da Europa, existem fatores estruturais tais como níveis de desemprego altos em certas localidades da zona do Euro assim como restrições burocráticas que retardam o crescimento econômico, o que dificulta o crescimento linear com o afrouxamento quantitativo (Feldstein, 2016). Muitos debatem a possibilidade de implementação do afrouxamento quantitativo no Brasil, mas podemos perceber pela zona do Euro que a política monetária deve ser adaptada para realidade Brasileira.

No caso de economias emergentes como Brasil, há que ter cautela pois existem riscos de fuga para ativos reais, que podem levar a inflação ou desancoragem assim como tudo depende do histórico de credibilidade dos passivos do Banco Central (Goldfajn, 2020). Nas economias emergentes as coisas funcionam de uma maneira diferente, geralmente nestas economias as taxas de câmbio estão em tendência que reflete diferenciais de inflação mais amplos. Acima de tudo estas economias são condicionadas a fuga de capital quando as situações políticas oscilam, o que por sua vez produz distúrbios incalculáveis. Dado a recente história que envolvem corrupção Brasil, qualquer ação do banco central será observada com extrema cautela entre analistas e a mídia, o que pode influenciar os banqueiros a agirem com mais cautela. Outro ponto de debate importante parte a princípio do valor mínimo da taxa de juros (SELIC) em 2,25%. Com este possível corte (de 3% para 2,25%), o Brasil entra em um cenário adequado para começar a estabelecer um programa de compra de títulos caso os mercados financeiros deteriorarem (ING, 2020).

OPINIÕES E CONCLUSÕES PARTE 1

Conforme debatemos nas sessões anteriores, podemos evidenciar que muitos dos problemas econômicos trazidos pela pandemia, foram intensificados por conta de problemas sistêmicos já existentes no Brasil. A realidade Brasileira força cerca de 38% da força de trabalho a buscar meios informais para subsistir as duras condições de vida de um país emergente como o Brasil (Banco Mundial, 2015). É normal em períodos de pandemia uma deterioração deste setor que não conta com um apoio formal do governo e mesmo que existente, ainda não é o suficiente para auxiliar o povo a se sustentar durante os períodos de confinamento social. Todavia, podemos ver mudanças que podem auxiliar a retomada do Brasil deste tombo econômico inesperado.

O corte da taxa Selic de 3% para 2,25% ocorreu no dia 17 de junho de 2020, ou seja, o Banco Central em termos quantitativos opera sobre um cenário de possível implementação de um afrouxamento quantitativo adequado para o Brasil. De qualquer maneira, a situação não será apenas resolvida com uma política monetária inovadora, vivemos um momento suplementado de grande risco político no qual tem refletido nas taxas de câmbio. A possibilidade overshooting é existente em ambiente volátil como o Brasil, no curto prazo a implementação do afrouxamento pode ser interpretado de diversas maneiras sobre os mercados financeiros sobre uma moeda ainda não depreciada o suficiente (Goldfajn, 2020). Muitos temem a possibilidade de uma armadilha da liquidez, no qual as pessoas pouparam o dinheiro ao invés de investir. Porém, este é um cenário improvável dado que a taxa SELIC apesar de baixa para padrões brasileiros, ela não se compara com outras economias de taxas de juros baixas como EUA, União Europeia e Japão. Levando-se em consideração estes aspectos apresentados parte de um a palavra que define qualquer implementação econômica mais ousada no Brasil se chama: cautela. A situação no Brasil não é fácil diante um período de controversas políticas e uma crise de 'identidade democrática', qualquer movimentação refletirá de maneiras inesperadas no país. Devemos avaliar todos os aspectos sociais, culturais, econômicos, psicológicos e políticos, para implementar uma política monetária diferenciada como o afrouxamento quantitativo.

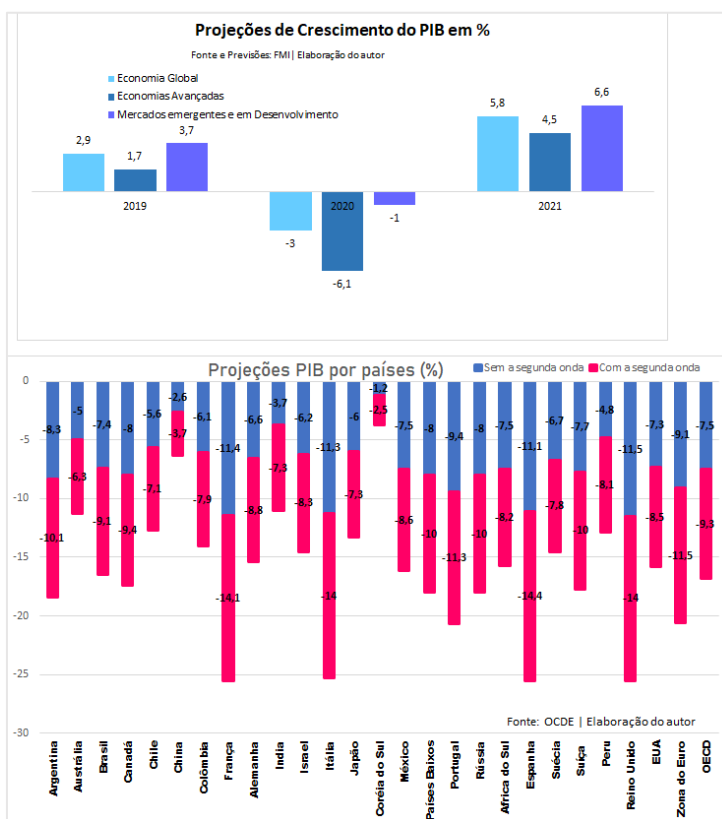
PARTE II

Cenário provável da economia brasileira pós crise

1. Previsões cenário internacional

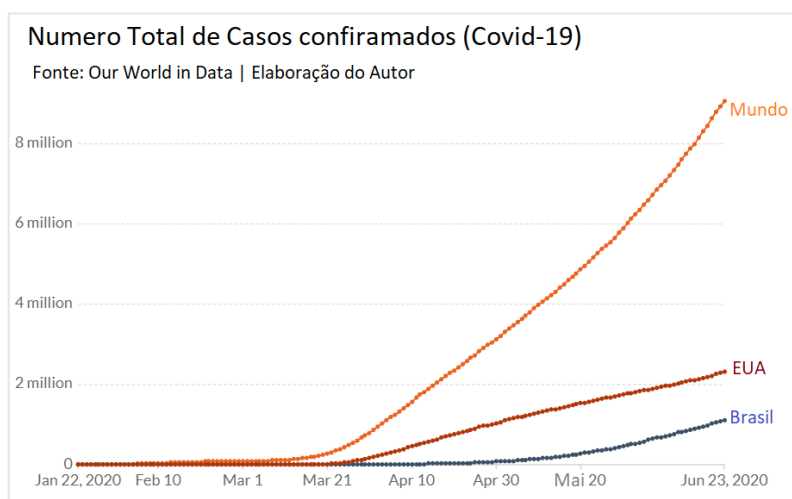
Primeiramente devemos contemplar o fato que o cenário global não é de crescimento, as condições impostas pela pandemia contribuíram para um retardamento do desenvolvimento econômico no ano de 2020. Podemos ver nos gráficos abaixo, que as expectativas para este ano, são ruins para os países desenvolvidos, que também deverão que passar por um período de reestruturação. Devemos lembrar que o Covid-19 apesar de controlado em alguns lugares do mundo, o vírus não está completamente eliminado e ainda existe a possibilidade de um ressurgimento de uma segunda onda de contaminação.

Se a segunda onda do vírus realmente acontecer no restante de 2020, isto significa que adotaremos novamente períodos de isolamento social, o que pode interromper novamente a evolução de certos tipos de negócios. Existe a possibilidade que as pessoas também tenham descuidos de higienização e contatos diante diretrizes propostas, muito gerado por impaciência. Estes fatores podem gerar não só apenas mais perdas de renda para classe empresarial, mas também por mais gastos governamentais dedicados a recursos de saúde (Karl, 2020). Podemos ver nos gráficos ao lado as projeções para o crescimento do PIB em nações desenvolvidas e em desenvolvimento. No cenário mais otimista o Brasil terá uma queda de 7,4% acompanhado com um declínio de -6,1 % das economias emergentes e em desenvolvimento.



Este impacto sobre o mundo certamente afetará o crescimento do Brasil, vivemos no pior impacto econômico desde a Segunda Guerra mundial que teve a capacidade de interromper as estruturas sociais, políticas e financeiras em todos os países globais (Abdelrasheed, 2020). É previsto que o Brasil terá uma desaceleração entre 11% e 20% nas exportações, no que leva ao patamar inferior do que US\$ 200 bilhões, também é prevista uma queda das importações em 20% que deve somar cerca de US\$ 140 bilhões. Estes efeitos gerados pela pandemia desaceleram a capacidade operacional das

companhias de logísticas por conta de novas regulamentações de higiene e distanciamento social. O impacto sobre a queda das exportações brasileiras pode afetar diretamente as commodities, que é uma grande âncora da economia local. O petróleo é a classe de ativo que pode ser mais afetado, as estimativas projetam uma queda de 39,8% das exportações este ano. Enquanto isso, é provável que o Brasil se concentre mais na pauta exportadora de soja, carne e minério de ferro que representam até 46,2% este ano (IPEA, 2020). A realidade é que o no momento escrito este ensaio (junho de 2020), o Brasil segue em seu momento mais desafiante na pandemia do Covid-19. O país chegou a um patamar recorde em números de óbitos e infecções, no qual continua a aumentar diariamente.



Para que possamos desenhar um cenário para 2021, devemos avaliar as possibilidades de um tratamento eficiente contra a vacina. Apesar de todas as tensões geradas pelas controversas políticas recentes e a onda desta nova doença, o Brasil tem a vantagem por ser um país voluntário para a os testes da vacina. A vacina da Universidade Inglesa de Oxford em parceria com a empresa italiana de biotecnologia Advent-IRBM, testará suas amostras em cerca de 5 mil voluntários saudáveis no Brasil (Época Negócios, 2020). O sucesso da vacina pode ajudar a melhorar o grau de incertezas que o Brasil adquiriu ao longo desta pandemia, por conta da postura infame da atual administração do poder executivo. Podemos ver no gráfico abaixo a elevação do índice de incerteza econômica atual para o Brasil.



As últimas classificações de créditos compiladas pela agência de risco Fitch conceberam a classificação negativa de BB- em maio deste ano. A perspectiva negativa reflete sobre a deterioração do cenário fiscal e as incertezas políticas entre o executivo e o congresso. Estes fatores são gerados pela performance fraca do Brasil perante um período de choque e o aumento da dívida pública que corroí a flexibilidade fiscal. As projeções esperam um declínio do déficit orçamentário do governo em 13% em 2020 e 6,5% relativo ao PIB em 2021, por conta dos impactos da pandemia em gastos de saúde pública e preservação de empregos. Todos estes fatores trazem espanto para investidores internacionais que acompanham os desdobramentos do cenário político econômico brasileiro. Caso não houver uma melhoria no curto prazo, podemos evidenciar um período de contração econômica mesmo após a pandemia (Fitch Ratings, 2020).

2. Previsões no cenário Doméstico

Atividade Econômica	2019	2020P	2021P
Crescimento real do PIB - %	1,1	-9,1	3,0
IPCA - %	4,3	1,8	2,8
Selic - final do ano - %	4,50	2,25	3,00
BRL / USD - final de período	4,03	5,75	4,50
Taxa nacional de desemprego - fim do ano (*)	11,6	14,0	13,7

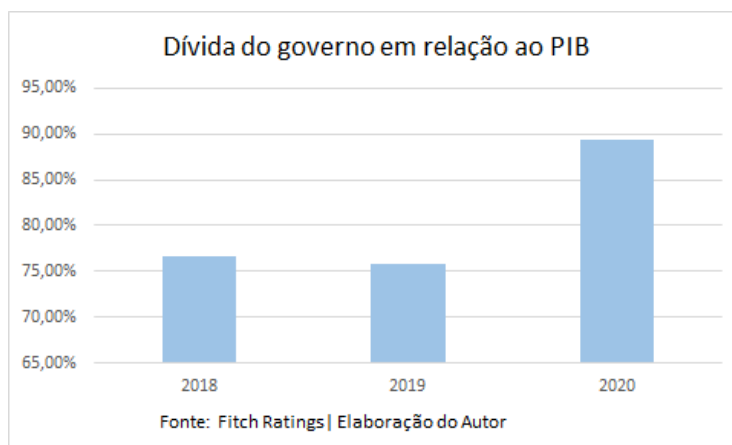
Fonte: FMI, Bloomberg, IBGE, BCB, Haver e Itaú

*'P' destaca-se para as previsões

Na tabela acima podemos ver a evolução dos principais índices macroeconômicos no Brasil, podemos ver uma queda vertiginosa no crescimento do PIB em 2020, acompanhado do corte recente da Selic e o efeito deflacionário por conta do baixo nível de atividade econômica. Caso a pandemia se prolongue, isto pode provocar mais incertezas no ambiente de negócios por conta da continuação de poupanças

emergenciais dos consumidores, isto pode resultar em uma redução da demanda por uma duração maior do que previamente estimada. Existe a probabilidade da reversão do comportamento de preços internacionais de petróleo após a pandemia e reajustes de preços administrados que podem levar a elevação inflacionária à frente no ano de 2021 (Mesquita, 2020). O corte da Selic busca em aquecer os hábitos de consumo durante o período de baixa demanda, assim com baratear os custos de empréstimos, tornando compras em crédito mais acessíveis.

O rápido estímulo econômico pós-pandemia pode ser limitado por incertezas no futuro do cenário político brasileiro e também por conta do grande endividamento público. As finanças brasileiras continuam em patamares de preocupação e desafios podem surgir com novas iniciativas de gastos para estimular a economia pós pandemia, com destaque com limitações para cortar gastos discricionários. O Brasil conta com grandes problemas em relação a dívida que toma conta de grande parte do PIB, podemos ver o aumento previsto em relação a 2020 no gráfico abaixo (Fitch Ratings, 2020).



O cenário de incerteza política e má gestão contra a pandemia teve um efeito negativo sobre a taxa de câmbio, como podemos ver ela é esperada para continuar em níveis altos (R\$/US\$ 5,75) em 2020. Espera-se que os cortes das taxas de juros e o aumento de liquidez possam auxiliar a baixar a paridade do real em relação ao dólar em 2021 (Mesquita, 2020). De qualquer maneira, devemos contemplar que a previsão do câmbio será difícil a ser cumprida com precisão, pois os níveis dependem muito do curso do cenário político e as percepções do mercado em relação ao cenário macroeconômico e sobre os noticiários financeiros.

Talvez a questão mais desafiante para o Brasil, seja administrar os altos níveis de desemprego ocasionados pela pandemia. A baixa demanda de consumo refletida sobre a entrada de capital para empresas resulta em fechamentos de vagas de emprego e um aumento no nível de pobreza e da economia informal. O sistema econômico pode demorar em se reestruturar a níveis que o mercado de trabalho esteja aquecido o bastante para voltar as contratações.

OPINIÕES E CONCLUSÕES PARTE 2

Levando em considerações os pontos apresentados na parte 2, é evidente que mesmo pós pandemia, o Brasil como o mundo enfrentará grandes desafios econômicos por vir. Mesmo contando com a possibilidade de completa eliminação do vírus (Covid-19), as consequências causadas pela pandemia exigem um período de reparação para que a economia volte a níveis estáveis. No caso específico do Brasil, contamos com uma realidade difícil, pois simultaneamente a pandemia estamos enfrentando um período de grandes incertezas políticas com desdobramentos imprevistos para o futuro.

Os efeitos da pandemia trazem mais trabalho pela frente ao governo Brasileiro que deve reparar as consequências do déficit orçamentário. Além disso a contração econômica de 2020 trará um período de estagnação para o desenvolvimento do Brasil. Devemos lembrar que mesmo antes a pandemia estávamos em fase de lenta de recuperação sobre longa recessão enfrentada em 2015-2016. A crise do Covid-19 foi a abertura da 'caixa de pandora' para economia mundial, porém os países emergentes como o Brasil não contam com estruturas eficientes de informações e monitoramento estão em um cenário de mais difícil. Conforme apresentamos na parte I, o estabelecimento de um afrouxamento quantitativo com os moldes da realidade brasileira pode aliviar os gastos diretos do governo. A estratégia do afrouxamento quantitativo pode também trazer condições mais robustas para bancos e empresas, o que pode estimular a demanda agregada trazendo mais possibilidades de consumo e investimentos.

Portanto, voltamos a ressaltar que independente de qualquer reforma econômica que seja proposta, um cenário político instável é a receita para o desastre para o Brasil. Infelizmente se não conseguirmos atingir uma melhoria nas condições democráticas, o Brasil não terá espaços para crescimento no longo prazo. Ficaremos presos sobre um cenário volátil sem viabilidade de planos estruturados para alavancar a economia.

REFERÊNCIAS

ABDELRASHEED, Nasser Said Gomaa. Re: How COVID-19 would affect the global economy? Research Gate, 18 de Jun. de 2020 Disponível em: <https://www.researchgate.net/post/How_COVID-19_would_affect_the_global_economy/5eebc41b274a9a29f2529140/citation/download>

ARGYLE, Michael. Psychology and Social Problems. London: University of Oxford, 1964.

AUXÍLIO EMERGENCIAL: veja o passo a passo para abrir a poupança social digital. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/16/auxilio-emergencial-veja-o-passo-a-passo-para-abrir-a-poupanca-social-digital.ghtml>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

CHAPPELOW, Jim. Quantitative Easing (QE). Investopedia, 28 de Apr. de 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/terms/q/quantitative-easing.asp>>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

ESTUDO PREVÊ RETRAÇÃO de 10% a 20% nas exportações brasileiras em 2020. IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3550>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

FELDSTEIN, Martin. Opinion: Why quantitative easing will never work in Europe. MarketWatch, 29 de Jan. de 2016. Disponível em: <<https://www.marketwatch.com/story/why-quantitative-easing-will-never-work-in-europe-2016-01-29>>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

FELDSTEIN, Martin. What's wrong with Europe's quantitative easing strategy? World Economic Forum, 05 de Fev. de 2016. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2016/02/what-s-wrong-with-europe-s-quantitative-easing-strategy>>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

FITCH REVISES Brazil's outlook to negative; Affirms IDR at 'BB-'. Fitch Ratings, 2020. Disponível em: <<https://www.fitchratings.com/research/sovereigns/fitch-revises-brazil-outlook-to-negative-affirms-idr-at-bb-05-05-2020>>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

GOLDFAJN, Ilan. Política Monetária na Pandemia. Credit Suisse, 2020.

INFORMAL EMPLOYMENT (% of total non-agricultural employment) - Brazil. The World Bank (Banco Mundial), 2020. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SL.ISV.IFRM.ZS?locations=BR>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

ING. QE in emerging markets - Unconventional risks. ING Economics, 2020.

INDICADOR DE ALFABETISMO. Inaf, 2018. Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

KARL, Jessica. What happens if there's a second wave? Bloomberg, 11 de Jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-06-11/coronavirus-what-happens-if-there-s-a-second-wave>>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

MARGATO, R.; MAURÍCIO, M. REFORMA TRABALHISTA Informalidade e Insegurança Jurídica. Santander, 2017.

MARTENSON, Chris. Quantitative Easing for Dummies. Business Insider - Peak Prosperity, 6 de Fev. de 2013. Disponível em: <[https://www.businessinsider.com/quantitative-easing-for-dummies-2013-2#:~:text=Quantitative%20easing%20\(QE\)%20is%20an,monetary%20policy%20has%20become%20ineffective.&text=Quantitative%20easing%20increases%20the%20excess,bought%2C%20which%20lowers%20their%20yield.](https://www.businessinsider.com/quantitative-easing-for-dummies-2013-2#:~:text=Quantitative%20easing%20(QE)%20is%20an,monetary%20policy%20has%20become%20ineffective.&text=Quantitative%20easing%20increases%20the%20excess,bought%2C%20which%20lowers%20their%20yield.)>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

MESQUITA, Mario. Macro Brasil. Itaú, 23 de jun. de 2020.

QUANTITATIVE EASING - Problem or solution? Deloitte, 2014. Disponível em: <<https://www2.deloitte.com/ie/en/pages/deloitte-private/articles/quantitative-easing.html>>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

VACINA ANTI-COVID de Oxford será testada no Brasil. Época Negócios, 2020. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/06/vacina-anti-covid-de-oxford-sera-testada-no-brasil.html>>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.